



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

## **LA CITÉ DES DAMES: MEMÓRIAS DA CLAUSURA E A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO PELA NARRATIVA POÉTICA**

### **LA CITÉ DES DAMES: MEMORIAS DEL CLAUTRO Y EL (RE)SIGNIFICADO DEL ESPACIO A TRAVÉS DE LA NARRATIVA POÉTICA**

Karla Cristiane Pintar<sup>1</sup>

Guacira Marcondes Machado Leite<sup>2</sup>

**RESUMO:** O espaço sempre foi importante elemento de busca entre os pesquisadores da narrativa poética e, ainda que, historicamente, seja um termo inicialmente vinculado ao século XIX, ele está presente em prosas, as quais carregam poesia como *Le Livre de la Cité des Dames*, da autora medieval Christine de Piza, escrito em 1405. Dessa forma, é relevante frisar que a *Cité des Dames*, já descrita no título da obra, será ao mesmo tempo protagonista e alvo de construções alegóricas por meio de uma escolha lexical bastante específica. Ainda, salientamos que a contraposição entre clausura – representada pelo quarto físico – e espaço de liberdade, o qual é definido pela *Cité*, simbolizam um embate ideológico não só pelo qual Christine, a protagonista que leva o mesmo nome da autora, passa, mas também o leitor quando há a ressignificação de histórias antes fossilizadas. Nessa perspectiva, as vozes femininas que estavam caladas também pelos autores presentes nos livros dentro do quarto de Christine são aquelas que poderão contar suas histórias à medida que as Damas Celestiais aparecem para a jovem estudiosa e a retiram do sofrimento em que se encontra. Ademais, assim como preconiza a narrativa poética, a análise da poesia se encontra na maneira como surgem construções sintáticas e retóricas que convencem e persuadem as damas a agirem contrariamente ao que pressupunha o padrão social ao qual elas estavam submetidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativa poética; espaço; medieval; Damas Celestiais; alegoria.

**RESUMEN:** *El espacio siempre ha sido importante elemento de búsqueda entre los investigadores de la narrativa poética y, aunque, históricamente, sea un término inicialmente vinculado al siglo XIX, él está presente en las prosas que están llenas de poesía, como Le Livre de la Cité des Dames, de la autora medieval Christine de Pizan, escrito en 1405. Por eso, es relevante destacar que la Cité des Dames, ya descrita en el título de la obra, será al mismo tiempo protagonista y objetivo de construcciones alegóricas a través de una elección léxica muy concreta. Sin embargo, destacamos que el contraste entre claustro – representado por la sala física – y espacio de libertad, que define Cité, simboliza un choque ideológico no solo por el que atraviesa Christine, la protagonista que lleva el mismo nombre que la autora, sino también el lector cuando hay una reestructuración de historias previamente fossilizadas. En esta perspectiva, las voces femeninas que también fueron calladas por los autores presentes en los libros dentro de la habitación de Christine son las que podrán contar sus historias a medida que las Damas Celestiales se le aparezcan a la joven erudita y la saquen del sufrimiento en el que se encuentra. Además, de la misma manera que los*

<sup>1</sup> Unesp. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara – sp – Brasil. 14.800-903. Email: [karla.pintar@unesp.br](mailto:karla.pintar@unesp.br). Orcid:Unesp. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara – sp – Brasil. 14.800-903. Email: [guacira.marcondes@unesp.br](mailto:guacira.marcondes@unesp.br). Orcid:

<sup>2</sup> Unesp. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara – sp – Brasil. 14.800-903. Email: [guacira.marcondes@unesp.br](mailto:guacira.marcondes@unesp.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4410-1618>



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

*defensores de la narrativa poética, el análisis de la poesía se encuentra en la forma en que emergen las construcciones sintácticas y retóricas que convencen y persuaden a las mujeres a actuar en contra de lo que suponía el estándar social al que estaban sometidas.*

**PALABRAS-CLAVE:** *narrativa poética; espacio; medieval; Damas Celestiales; alegoría.*

## INTRODUÇÃO

*Le Livre de la Cité des Dames*, publicado por volta de 1405 pela autora ítalo-francesa Christine de Pizan, desloca o leitor para uma Cidade idealizada pelas Damas Celestiais *Raison*, *Droiture* e *Justice* unidas à protagonista Christine – que leva o mesmo nome da autora e apresenta, inclusive, notáveis semelhanças com a vida de Pizan – na qual mulheres virtuosas são selecionadas para conviverem devido à sua boa conduta e à sua inclinação tanto para os estudos, quanto à lealdade, religião e coragem. A despeito dos variados recursos linguísticos que são apresentados ao longo da obra para a edificação da Cidade, este artigo contempla mais exclusivamente a narrativa poética que surge no espaço real, representado pelo quarto de Christine, onde recebe as Damas, e reverbera a Cidade edificada para compreender melhor como a narrativa poética pode ser analisada.

Situando o leitor brevemente no pequeno espaço em que se encontra Christine logo no início da narrativa, a narradora descreve o aposento da jovem como um local em que ela passa horas a ler e rodeada de autores mais notáveis ou até mesmo aqueles de pouca fama, mas que, igualmente, são essenciais na construção de seu conhecimento. Aqui, representado logo no título da obra, o espaço (*la Cité*, no caso, a Cidade) é, mais do que Christine, o protagonista, visto que a obra se baseia, inteiramente, em sua edificação. Claro que, observando a história mais aparente, ou seja, a diegese que salta aos olhos em uma primeira leitura, a vida de Christine e a ajuda das Damas para escapar do tormento no qual ela se afundou quando percebeu quão viciosa pode ser a existência feminina, visto os inúmeros comentários de bons ou maus autores, são bastante relevantes e necessárias para entender o espaço. No entanto, aqui, o espaço é, ao mesmo tempo, tanto o receptor da narrativa poética quanto o motivador da poesia. A importante análise do espaço para a narrativa poética ocorre, visto que, assim como uma canção, há em *Le Livre de la Cité des Dames* uma contraposição, em que melodias se sobrepõem a outras, criando uma polifonia orquestrada por Christine, a protagonista. Ao questionar sobre sua irremediável condição de clausura no seu quarto rodeada de livros, ela abre espaço para que outras vozes possam ser suas guias na composição



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

harmônica e equilibrada de uma Cidade ideal: as histórias das mulheres virtuosas que serão aceitas dentro desse novo mundo.

Para o seu processo de escrita, a autora utiliza-se abundantemente da poesia e, com isso, consegue atingir o que hoje chamamos de narrativa poética, mesmo que seus textos sejam datados de uma época em que esse termo não era aplicado. De certa forma, levando em consideração a reação, pelos simbolistas, ao romance definido durante o século XIX e à sua natureza quase puramente social, temos aqui o maior trabalho da poesia na palavra e das emoções poéticas que poderiam emergir das regras majoritariamente impostas para a facção textual. Sabendo disso, se a poesia não se configura como uma regra geral, mas como um trabalho com as palavras que, inclusive, contraria os textos pré-estabelecidos e pré-concebidos em seus determinados gêneros, há maior liberdade, logo, para o autor utilizar-se desse recurso sem, efetivamente, estar na mesma época em que sua definição foi concebida.

#### **NARRANDO A POESIA DO MEDIEVO**

Enfim, é preciso compreender, inicialmente, dentro da composição do livro o que entendemos como narrativa para se chegar tanto à construção da alegoria, crucial para a formação da Cidade, quanto à propagação dos discursos adversativos dentro das histórias das damas e de outras características que constituem a escrita de Pizan. Para isso, usamos o conceito de Gerard Genette em *Discurso da narrativa* (1976), visto que ele apresenta a narrativa como o elo intermediador entre história e narração, ou seja, entre a sucessão de acontecimentos e o fato de se contar aquilo que aconteceu (GENETTE, 1976, p. 25). A narrativa é, portanto, *grosso modo*, o processo que une essas duas extremidades e que modifica a maneira de se contar a história, visto que depende não só do uso das palavras para que ocorra o desenrolar dos fatos, mas também da maneira como elas são utilizadas. Iniciamos com esse conceito para aclarar que tanto a análise da narrativa quanto dos elementos que a compõem não são totalmente independentes e, portanto, não podem ser extremamente dissociáveis em uma análise textual. Nas palavras de Tadié (1994), *l'exposé consacré à un sentiment n'est qu'une analyse; à des paroles, il est un discours ou un dialogue; et l'on ne peut rapporter une succession de sentiments, ou de paroles, que lorsqu'ils*



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

*prennent forme d'événements*<sup>3</sup>. Ademais, há diversos fatores externos que podem – e devem, em variados momentos – ser levados em consideração. Ora, uma obra literária não é construída senão pelas inúmeras intertextualidades que carrega e é um desses aspectos que faz dessa arte uma reunião de diferentes discursos, os quais são apresentados por um narrador que escolhe o que contar e, portanto, ao seu leitor cabe o papel de decifrar aquilo que se cala por trás das palavras em uma narrativa poética, por exemplo. As palavras significam. A história significa. O branco deixado na página significa.

História e narração só existem para nós, pois, por intermédio da narrativa. Mas, reciprocamente, a narrativa, o discurso narrativo não pode sê-lo senão enquanto conta uma história, sem o que não seria narrativo (como, digamos, a Ética de Espinosa), e porque é proferido por alguém, sem o que (como, por exemplo, uma coleção de documentos arqueológicos) não seria, em si mesmo, um discurso. Enquanto narrativa, vive da sua relação com a história que conta; enquanto discurso, vive da sua relação com o que profere. (GENETTE, 1976, p. 27)

Assim, a relação de sentido construída entre essas instâncias importa para analisar o foco do discurso empregado, como com ele é construída a narrativa, utilizando-se de mitos das mulheres pagãs e de parábolas bíblicas para formular as alegorias, e, finalmente, como esses elementos se unem para elaborar um processo mnemônico com a finalidade de resgatar histórias e, com elas, construir *La Cité des Dames*, cidade que será o palco idealizado para que mulheres virtuosas, pré-selecionadas, possam habitá-lo.

Quando falamos de narrativa poética, estamos rompendo com as artes poéticas enunciadas, por exemplo, por Aristóteles e inserindo – muito de acordo com a época em que vivemos – um discurso híbrido que dê conta dos novos estilos de vida desenvolvidos. Frente a isso, podemos elucidar, nas palavras de Tadié (1994, p. 7-8), que

Le récit poétique en prose est la forme du récit qui emprunte au poème ses moyens d'action et ses effets, si bien que son analyse doit tenir compte à la fois des techniques de description du roman et de celles du poème : le récit poétique est un phénomène de transition entre le roman et le poème. [...] L'hypothèse de départ sera que le récit poétique conserve la fiction d'un roman : des personnages auxquels il arrive une histoire en un ou plusieurs lieux. (TADIÉ, 1994, p. 7-8)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> A exposição consagrada a um sentimento é somente uma análise; às palavras, é um discurso ou um diálogo; e só se pode relatar uma sucessão de sentimentos, ou de palavras, quando elas tomam a forma de acontecimentos (tradução nossa).

<sup>4</sup> A narrativa poética em prosa é a forma de narrativa que concede ao poema seus meios de ação e seus efeitos, sendo que sua análise deve levar em consideração as técnicas de descrição do romance e as do poema. [...] Inicialmente, a hipótese será que a narrativa poética conserva a ficção de um romance: os personagens aos quais se desenvolve uma história em um ou vários lugares. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

Desta maneira, valemo-nos de uma análise mais intrínseca à linguagem e ao trabalho com a construção alegórica que ela permite para que possamos, minimamente, estabelecer a ideia de narrativa poética em um contexto no qual esse termo ainda não estava presente. A poeticidade, portanto, está ligada diretamente à autoria<sup>5</sup> feminina de Pizan, pois as metáforas fazem com que ela, imersa no Medievo, possa propagar variadas interpretações das histórias contadas sem, no entanto, ridicularizar o cânone vigente ou mesmo aqueles que tinham explanações distintas das suas.

Mais uma vez, não é necessariamente uma análise do contexto literário em si que será o foco desta leitura, mas é imprescindível lembrar alguns aspectos que se relacionam ao discurso para compreender a sua elaboração dentro dessa obra medieval. Apesar de essa obra, no quesito temporal, estar em meio a uma época de grandes cânones e da aceitação somente de gêneros clássicos definidos, ela é, antes de tudo, uma concepção de mundo, como menciona Umberto Eco:

Narrar em prosa não é acima de tudo escrever, *é conceber o mundo*. A decisão é cosmológica. O que acontece, em vez disso, com a poesia? O poeta escolhe uma série de constrições expressivas, e depois aposta que o conteúdo, seja ele qual for, e por mais que possa preceder a escritura, se adequará às constrições expressivas, e melhor ainda se disso sair modificado. O poeta olha o mundo tal como as constrições do verso lhe impõem. (ECO, 1989, p. 243)

Portanto, é válido declarar que a poesia, precedendo a própria escrita, desconsidera, em parte, o tempo em que foi repassada ao papel e carrega consigo expressões que não necessariamente estão ligadas única e exclusivamente às regras gramaticais de um determinado tempo, mas ela é a criação por meio das palavras e, para isso, utiliza-se dos recursos linguísticos ofertados em cada período, trabalhando *topos* recorrentes, porém com significados diferentes para cada narrador. Elucidando Tadié, 1994, p. 6: *Tout roman est, si peut que ce soit, poème; tout poème est, à quelque degré, récit*<sup>6</sup>. Desse modo, podemos dizer que a expressão não varia, então, somente com aquele que narra, mas também com a visão de mundo que seu leitor tem para a construção da poesia, e é nisso que Christiane de Pizan se apoia ao mencionar, por meio da voz de *Dame Raison*, que

Quant aux poètes dont tu parles, ne sais-tu pas que leur langage est souvent figuré, et que l'on doit parfois comprendre tout le contraire du sens littéral? On peut en effet leur appliquer la figure de rhétorique appelée antiphrase, en disant par exemple – comme tu le

<sup>5</sup> É necessário esclarecer que o significante “autoria” somente é estabelecido no século XIX, porém, neste trabalho, recorreremos a esse termo por falta de um correspondente na Idade Média, para analisar as características peculiares de escrita que distinguiam Christine de Pizan de outros autores.

<sup>6</sup> Todo romance é, assim se pode dizer, um poema; todo poema e, até certo ponto, narrativa. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

sais très bien – qu'un tel est mauvais, laissant entendre qu'il est bon, ou pareillement au contraire. (PIZAN, 2000, p. 39)<sup>7</sup>

Este é o início do livro quando as três Damas descem até o quarto de Christine para consolá-la dos prantos aos quais sucumbe por ter lido diversos livros que distorcem a imagem da mulher virtuosa e retiram qualquer qualidade positiva de suas funções. Observa-se isso em leituras que representam as mulheres serem incapazes de se condoer com os males do próximo, serem naturalmente inclinadas aos vícios, pois não possuem intelecto suficientemente desenvolvido para agir racionalmente, ou quando a autora se depara com grandes filósofos mencionando a fragilidade feminina prejudicada pelo equilíbrio físico e emocional. Ao longo da narrativa, há o uso constante da relação entre fato/acontecimento e argumentação por parte das Damas para refutar os pensamentos da protagonista acerca de sua memorização por ser mulher. A conversa entre elas é deveras importante para construir a *Cité des Dames*, já que as dúvidas e clamores de Christine compõem o alicerce da Cidade que será gerado a partir de seu esclarecimento, ou seja, a quebra da ingenuidade da personagem, enquanto pessoa induzida a acreditar que ela não pode se inclinar aos estudos, visto sua falha intelectual por causa de seu sexo. Dessa maneira, com essa mudança de ponto de vista mediante a conversa com as Damas, há o entendimento de que as narrativas, sejam antigas ou contemporâneas ao contexto de Christine, nem sempre têm o significado que as palavras expressam, mas sim dependem da análise do leitor quanto a elas. Podemos observar isso quando *Dame Raison* faz a pergunta retórica, até mesmo com sentido negativo, expressando incredulidade quando menciona que vários autores utilizam-se da antífrase para mostrar o que realmente desejam e, portanto, isso depende da crítica do leitor para ser alcançado.

Partindo desses preceitos, a obra escrita pela autora ítalo-francesa propõe um mundo feminino baseado em dois estamentos: o primeiro real, o qual resguarda todos os costumes e tradições, como o homem, responsável pela casa e pelos estudos, e o feminino direcionado aos afazeres domésticos, estabelecendo a visão política, cultural e social da época; e, por outro lado, um mundo idealizado, em que as mulheres têm o direito, tal qual os homens, de exercer seu papel

<sup>7</sup> Quanto aos poemas dos quais você fala, não sabe que sua linguagem é frequentemente figurada, e que, às vezes, se deve compreender tudo ao contrário do que fala o sentido literal? Pode-se, de fato, aplica-la à figura retórica chamada antífrase, dizendo por exemplo – como você bem sabe –, que alguém é mau, deixando compreender que ele é bom, ou semelhantemente o contrário. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

intelectual sem serem rechaçadas ou condenadas por isso. No entanto, é primordial destacar que, apesar dessa visão *avant la lettre* da autora, há ainda o estabelecimento de regras daquelas que podem ou não adentrar a Cidade, visto que somente as mulheres virtuosas, principalmente diante dos mandamentos bíblicos, estarão aptas a isso. Assim, *Dama Raison* diz a Christine que *c'est à toi entre toutes les femmes que revient le privilège de faire et de bâtir la Cité des Dames*. (PIZAN, 2000, p. 43).<sup>8</sup>

Na Idade Média, falar de poesia e designar suas características não era um ato muito simples, já que o seu conceito estava estritamente ligado a muitas práticas relacionadas ao discurso retórico, o que fazia com que ela fosse vista, com frequência, com certa confusão ao determinar os limites entre prosa e poesia (CURTIUS, 1996, p. 200). Assim, pode-se dizer que se, na estrutura, a poesia e a prosa se confundiam, no uso e construção das imagens com as palavras e no discurso envolvido elas eram mais diferenciáveis. Desse modo é nessa ideia que sustentamos a interpretação da narrativa da obra mencionada, visto que, apesar de designar a construção de uma cidade baseada em leis e organizada por separações bastante explícitas, como regras, ordens e até estamentos, o livro é a construção de uma alegoria baseada na manipulação das palavras e no jogo de vozes femininas que há dentro da obra, todas elas edificadas nas memórias resgatadas ao longo da narrativa.

#### **A INVOCAÇÃO DAS VOZES FEMININAS E A MATERIALIZAÇÃO DO ESPAÇO ALEGÓRICO**

Assim, no que concerne o ponto de vista do discurso, a Cidade é um espaço simbólico, em que a palavra materializa a poesia à medida que constrói os significados vinculados aos valores da época e com os quais a autora trabalha para ressignificá-los.

Visto isso, o que Pizan faz na elaboração da obra é colocar palavras específicas que captem o sentido necessário que encaminha a obra à criação da Cidade e, assim como na poesia, há a economia de palavras, porém com significados muito mais profundos que o número restrito dessas palavras revela. Logo, mesmo em uma época afastada da classificação de “narrativa poética”, Pizan valia-se desse recurso para expressar a sua ligação com a imagem e com o mundo. Segundo Zumthor,

<sup>8</sup> Foi a você, entre todas as mulheres, que recebeu o privilégio de edificar a Cidade das Damas. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

Dénotations et connotations, dans ces multiples effets, se cumulent. Les secondes structurent les premières, les amplifient, et finalement, les récupèrent dans leur système propre : l'être l'emporte ainsi sur le paraître, la richesse latente sur l'abondance manifeste. Phénomènes, formes grammaticales, choix lexicaux, désignations concrètes ou abstraites : tous les facteurs de la forme-sens sont offerts à cette transmutation, qui les concernent à la fois en eux-mêmes et dans leurs relations mutuelles, de sorte que les systèmes dénотatif et connotatif du texte ne sont jamais vraiment isomorphes. Les connotateurs développent une action sémiologique à la fois iconique et sémantique ; ils constituent les symptômes de l'adhésion commune de l'auteur, du texte et de ses auditeurs à un code poétique déterminé. (ZUMTHOR, 1972, p. 139-140)<sup>9</sup>

“A arte é pensar por imagens”. Essa é a frase inicial do artigo *A arte como procedimento*, do formalista Viktor Chklovski, e define, em poucas palavras, o que faz a poesia quando transposta à folha: ela recria imagens com as palavras e transmite ao leitor as suas intenções ao conseguir desenhar seu pensamento. Sem imagens, não existe poesia e, se a poesia é uma maneira de pensar, então a supressão do excesso de palavras e a pontualidade na escolha lexical são parte desse pensamento poético na construção das ideias. Em vista disso, Pizan, apesar de usar várias histórias com o intuito de repetir os ensinamentos para que eles sejam memorizados, vale-se de metáforas específicas ao longo do texto que constroem o sentido único que ela propõe à Cidade ideal. Em outras palavras, essas imagens criadas, respaldadas diretamente no seio da poesia, edificam as simbologias criadas ao longo da narrativa para desenhar ao leitor a maneira como a autora concebe tanto a protagonista, Christine, quanto as vozes que ressoam e são, de certa forma, sombras do que ela está vivendo no momento da narração.

Assim, a narradora, que se torna protagonista da história, representa um invólucro para outros relatos, os quais, apesar de muitos e essenciais para a sucessão da obra, são apoios que Christine e as três Damas Celestes – principais e restritas personagens – utilizam para enfatizar o caminho que elas escolheram para a leitura da obra. Ora, a narrativa poética, dessa forma, é produzida conforme a construção da Cidade se dá por meio da palavra proferida pela narradora, afinal, sem seus questionamentos, as respostas das Damas não ocorreriam e, portanto, outros contos femininos seriam, também, calados. Visto isso,

<sup>9</sup> Denotações e conotações, dentro de seus múltiplos efeitos, apresentam várias funções. As segundas estruturam as primeiras, amplificam-nas e, finalmente, recuperam-nas dentro do sistema: o ser se transporta ao parecer ser, a riqueza latente sobre a abundância manifesta. Fenômenos, formas gramaticais, escolhas lexicais, designações concretas ou abstratas: todos os fatores de forma e do sentido são oferecidos à transmutação, que concerne tanto a eles mesmos quanto em uma relação mútua, de modo que os sistemas denotativos e conotativos do texto nunca são realmente cristalizados. Os *connotateurs* desenvolvem uma ação semiológica ao mesmo tempo icônica e semântica; eles constituem a observação da adesão comum do autor, do texto e dos seus leitores a um código poético determinado. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

Absorbés par la narration, les personnages sont parfois dévorés par le narrateur, lorsqu'il est aussi le protagoniste. Comme dans les contes fantastiques, il arrive que la lumière qui éclaire une figure principale réduise les autres à n'être que des ombres, des images, à leur vraie nature d'êtres de langage, comme dans un mythe de la caverne intérieur. (TADIÉ, 1994, p. 9)<sup>10</sup>

A vista disso, como maneira de organizar todo o contexto, a criação de um espaço onde pudesse conviver em harmonia o intelecto de diversas damas é a base para que a narração se construa não somente como um texto aos olhos do leitor, mas também, e principalmente, como um monumento à perenidade inteligível que emana das Damas responsáveis por auxiliar a personagem Christine na arquitetura da Cidade. Neste livro, a escrita, que permite que as ideias sejam repassadas aos leitores, é o corpo, tanto físico quanto narrativo, que carrega o império construído ao longo da obra de Pizan, império esse feito de conhecimento e de beleza inigualáveis que se construirá no mundo das ideias criado pela autora. Desse modo, *ta Cité sera d'une beauté sans pareille et demeurera éternellement en ce monde* (PIZAN, 2000, p. 43)<sup>11</sup>, ou seja, a beleza a que se reporta a escritora consiste na maneira como o lugar ideal será constituído: o patrimônio inteligível das mulheres se converterá no cimento trabalhado pelas delicadas mãos para a fortificação de um mundo que refute o poderio social que encobria o saber das damas.

Ce sera ma responsabilité de faire les combles et les toits des tours, des Maisons princières et des hôtels, qui seront tous d'or fin et brillant. Enfin je te la peuplerai de femmes illustres et t'amènerai une haute reine ; les autres dames, même les plus nobles, lui rendront hommage et allégeance. Ansi, avec ton aide, ta Cité sera achevée, fortifiée, et fermée par de lourdes portes que j'irai te chercher au ciel, avant de te remettre les clés entre les mains. (PIZAN, 2000, p. 46)<sup>12</sup>

A fala da *Dame Justice* representa bem o tipo de narrativa de Pizan: cheia de adjetivos e construções imagéticas, as quais desenham perfeitamente ao leitor aquilo que a autora pretende. A construção da Cidade, como pode ser visto nesse trecho, desenvolve-se por meio de desenhos: conforme *Justice* conta as características desse lugar, o leitor pode imaginá-lo sem muitos esforços. Por exemplo, há os telhados das torres (*les toits des tours*), as mansões principescas (*Maisons*

<sup>10</sup> Absorvidos pela narração, os personagens são, por vezes, devorados pelo narrador, enquanto protagonista. Como nos contos fantásticos, ele chega a fazer com que a luz que ilumina uma figura principal reduza os outros a não mais que sombras, a imagens, a sua verdadeira natureza de linguagem, como em um mito da caverna interior. (tradução nossa)

<sup>11</sup> Sua Cidade será de uma beleza sem igual e residirá eternamente neste mundo. (tradução nossa)

<sup>12</sup> Será a minha responsabilidade fazer os tetos e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão do mais fino ouro brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres e lhe trarei uma grande rainha; as outras damas, mesmo as mais nobres, prestarão homenagem fidelidade. Assim, com a sua ajuda, sua Cidade será um exemplo, fortificada e fechada por sólidos portões que eu lhe trarei do céu, antes de lhe colocar as chaves entre as mãos. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

*princières*) e as casas (*hôtels*), todas de ouro fino e brilhante. Ainda que o local seja idealizado, o uso de elementos conhecidos, que não sofrem alterações constantes com o tempo e são de caráter imutável, explicam o desconhecido para o leitor: uma Cidade somente composta por mulheres ideais, cujo governo é ocupado pela Virgem Maria. A imagem precisa ser mais familiar do que aquilo que ela explica (CHKLOVSKI, 1976, p. 40). Além disso, a autora usa da memória do leitor para que ele mesmo consiga construir essas alegorias: quem são as Damas? Quem é a rainha? Quem são as mulheres ilustres? São, pois, tanto virtudes quanto histórias conhecidas entre a população com mais ou menos estudo, já que são histórias e características apresentadas pela oralidade e não somente nos livros. Vejamos, então, que é nisso que reside a escrita da autora: a estrutura sintática constrói novos significados com construções verossímeis.

É interessante também observar como a questão de rendição a um determinado poder estava consolidada na mentalidade até mesmo dos mais nobres pensamentos: Pizan menciona o comando da Cidade por uma personagem que sequer é nomeada na participação da construção desse lugar ideal, porém que teria suficiente autoridade para governar um local com as bases sólidas, fortificadas e com muros e telhados já levantados. Nesse sentido, nota-se como a questão do outro que detém o poder é fundamental para legitimar, inclusive economicamente, o poder da rainha. É indubitável o valor agregado ao conhecimento social quando a autora elabora esse texto abordando a temática por um viés ainda insuficientemente trabalhado, porém é visível que, mesmo a construção da Cidade pretender um ideal igualitário, primeiro por fugir das amarras patriarcais e, segundo, por colocar determinadas mulheres como instruídas o suficiente para construir e habitar a Cidade das Damas, Pizan se rende ao patriarcado. É visível essa situação quando a autora atribui à sua ideia monumental uma semelhança com aquilo de que tanto tenta escapar: outorgar valores a uma camada social restrita, segregando aquela que, majoritariamente, não pode ter acesso ao que compete à primeira. É válido destacar que a análise da obra se prende ao âmbito aristocrático e, por isso, configurando uma igualdade no plano elevado de circulação social e não das camadas gerais da população. Essa Cidade, fortificada com grandes pedras, bases sólidas, muros altos e telhados impenetráveis é configurada como um espaço de proteção contra aqueles que não deixavam o conhecimento chegar às mulheres. Mas, ao fazer isso, Pizan reproduz, em parte, o discurso proclamado pelo patriarcado vigente: da mesma maneira que ele afasta aquilo que é considerado



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

prescindível à sociedade, Christine, com o auxílio das Damas Celestiais, também afasta as mulheres que por elas são consideradas sem virtudes.

Apesar disso, é mesmo notável a propriedade com que a leitora de Ovídio, Petrarca, Boccaccio, Aristóteles e outros expoentes do saber literário e filosófico escreve a obra, justamente por poder ser compreensível que, atendendo às prescrições culturais de sua época, a tarefa de se colocar com uma postura crítica frente àquilo que vigorava como cânone era árdua e exigia um acervo cognitivo amplo, o que, para ela, transbordava em comparação a aquilo a que as mulheres poderiam ter acesso.

#### A ESCOLHA LEXICAL: A PALAVRA SIGNIFICA

Selon mon habitude et la discipline qui règle le cours de ma vie, c'est-à-dire l'étude inlassable des arts libéraux, j'étais un jour assise dans mon étude, tout entourée de livres traitant des sujets les plus divers. L'esprit un peu las de m'être si longtemps appliquée à retenir la science de tant d'auteurs, je levai les yeux de mon texte, décidant de délaissier un moment les livre difficiles pour me divertir à la lecture de quelque poète. (PIZAN, 2000, p. 35)<sup>13</sup>

Esse trecho é a apresentação das primeiras linhas de *Le Livre de la Cité des Dames* e demonstra ao leitor um detalhe bastante importante para o entendimento do enredo e do lugar ocupado pela autora para a empreitada nos caminhos narrativos: Christine de Pizan ilustra um quadro ao leitor em que é possível observar uma mulher, cercada por livros que tanto a satisfaziam para o conhecimento quanto para o prazer.

O começo com a expressão *j'étais un jour* evidencia a despreocupação em especificar qual teria sido esse dia, pois, na verdade, para a narrativa poética, o que importa é mais o trabalho com a palavra e com o que isso pode representar do que com o próprio fato contado. Como auxílio, ainda é utilizado o verbo no tempo *imparfait* do francês, o qual representa uma ação sem uma temporalidade específica, mostrando que algo ocorreu no passado e somente isso. É necessário que haja um acontecimento para que a linguagem também tenha um significado – afinal, apesar de a *parole* (palavra) ter mais densidade dentro da obra, ela necessita de um encaixe em uma história

<sup>13</sup> Seguindo meu hábito e disciplina que regem o curso de minha vida, ou seja, envolta por estudos fascinantes das artes liberais, estava eu um dia mergulhada em meu estudo, cercada de livros que tratavam de assuntos diversos. Com o espírito já um pouco cansado de ter ficado grande tempo dedicando-me à ciência de vários autores, eu levantei os olhos de meu texto, decidida a abandonar por um momento os livros difíceis e me deleitar com a leitura de algum poeta. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

para que seu sentido seja elaborado. E, de fato, uns são mais descritos que outros, mas isso somente ocorre devido ao poder que o narrador tem dentro de sua narrativa. Dizemos, então, que o poder de selecionar e organizar a sua maneira é o que atribuirá sentido, por exemplo, a esse dia sem identificação. Enfim, nesse momento percebemos que há a descrição do espaço físico onde as Damas se unirão para, junto com Christine, lembrar outros locais que contam histórias das mulheres virtuosas. Troia, Palmira, Nêustria, Roma, França, Saluzzo e outras localidades mais são citadas – unidades secundárias somente usadas para localizar o leitor – para evidenciar quão amplo pode ser aquele quarto de estudos da personagem Christine. Ironicamente, o mesmo espaço que representa o retiro da personagem é também a libertação de todas as outras mulheres para que os outros locais sejam criados e lembrados durante as conversas das mulheres. Assim, ao escolher a expressão *assise dans mon étude*, percebe-se um sentido de reclusão, um mergulho em outro mundo, mesmo dentro de um local fechado a quatro paredes; um ambiente no qual Christine poderia ter acesso às leituras, mas, assim como o espaço, tendo sua interpretação também restrita. Vejamos, pois, que as palavras não somente descrevem o local como também a própria personagem, como sua extensão.

De imediato, antes da própria escrita do texto, o livro analisado carrega consigo uma característica marcante das narrativas poéticas: o nome de um local em seu título. Esse espaço é importante, pois é ele que, na história, representa o mote para que a narrativa seja introduzida mais profundamente. De acordo com Jean-Yves Tadié,

Qu'est-ce que l'espace littéraire ? Au sans plus concret, il n'est guère que, sur la page, l'organisation des blancs et des noirs. [...] Au sans plus abstrait, il est le lieu où se distribuent simultanément les signes, où se lient les relations achroniques : la pensée a besoin des métaphores spatiales (qui deviennent parfois un véritable tic d'époque), et tout texte est espace. Une troisième acception fait de l'espace le lieu des images, perceptif puis représentatif. Si la peinture est la trace de l'espace représentatif, la littérature introduit une distance supplémentaire, parce que les signes du langage représentent la représentation. [...]

Dans un texte, l'espace se définit donc comme l'ensemble des signes qui produisent un effet de représentation. (TADIÉ, 1994, p. 47-48)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> O que é o espaço literário? No sentido mais concreto, ele não é mais que, na página, a organização dos brancos e pretos. [...] No sentido mais abstrato, é o lugar onde se distribuem simultaneamente os signos, onde se ligam as relações não cronológicas: o pensamento precisa de metáforas espaciais (que se tornam às vezes um hábito de época), e todo texto é espaço. Uma terceira acepção faz do espaço um lugar de imagens, perceptiva depois representativa. Se a pintura é a marca do espaço representativo, a literatura introduz uma distância suplementar, porque os signos da linguagem representam a representação. [...]

Em um texto, o espaço se define, então, como o conjunto de signos que produzem um efeito de representação. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

O espaço literário, portanto, dentro da obra, configura-se como o lugar inicial de encontro com as Damas que irão encaminhar toda a história, ou seja, sem ele seria impossível que Christine recebesse essa visita, já que é pela sua representação como clausura e, paradoxalmente, como libertação e conhecimento que a personagem está aberta para novos diálogos. Neste espaço que é descrito como pequeno, porém com vastidão de autores, Christine compreenderá que ainda faltam maiores interpretações que podem ir além daquele espaço, não só considerado físico, mas com sua mais ampla significação psicológica. Em outras palavras, o quarto em que ela está representa a sua mente subjugada pelos preceitos existentes e pela cultura na qual está inserida. Assim, ao mostrar que ela pode ter outros caminhos que não aqueles estritamente mostrados pelas palavras, pode-se fazer uma analogia com Tadié, pois os signos produzem metáforas que, por sua vez, produzem representações distintas daquelas vistas superficialmente na história. Mais uma vez, a poesia encontra-se no sentido mais profundo das palavras, as quais, narradas a partir das construções de imagens, como as Damas que aparecem, não de qualquer lugar, mas das alturas, representando o divino, guiam o texto para aquilo que o narrador quer significar. É neste espaço, enclausurado, que Christine constrói a maior, mais bela e fortificada Cidade para a moradia das damas virtuosas.

Ademais, o levantar de olhos da personagem (*je levai les yeux de mon texte*) caracteriza uma grande concentração naquilo que estava lendo, além de inferir um empenho, já que decide pelos deleites que são oferecidos pelas poesias. Nesse momento, podemos observar o prazer sublime em relação às palavras, pois é disso que Christine está cercada e isso lhe dá prazer. Por enquanto, a descrição do local e de seus atos começa a revelar ao leitor a diferença de sua escrita na pura descrição dos fatos para conferir maior significado às palavras, porém isso ocorrerá mais à frente, quando as Damas aparecem e estimulam um pensamento mais livre da personagem para que ela experimente devaneios e outras interpretações das histórias contadas, como é o trecho:

C'est un fait que tous les hommes, et en particulier ceux parmi eux qui sont les plus instruits, ne partagent pas l'opinion évoquée plus haut, et qui voudrait que l'éducation des femmes soit un mal. Il est bien vrai cependant que parmi les moins instruits bon nombre y souscrivent, car il leur déplairait que des femmes soient plus savantes qu'eux. Ton père, grand astronome et philosophe, ne pensait pas que les sciences puissent corrompre les femmes ; il se réjouissait au contraire [...] Ce sont les préjugés féminins de ta mère qui t'ont empêchée, dans ta jeunesse, d'approfondir et d'étendre tes connaissances [...]



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

Alors, moi, Christine, je lui répondis : « Ma Dame, ce que vous dites là est aussi vrai que l'Évangile. » (PIZAN, 2000, p. 180)<sup>15</sup>

Inicialmente, o próprio diálogo traçado pelas Damas com Christine já evidencia a falta de uma história para seguir, já que é dada maior ênfase a uma argumentação sobre as condições em que se encontra Christine do que à história de sua vida, por exemplo. A referência ao pai pela *Dame Droiture*, intercalando tempos verbais na história (de *ne partangent pas* no *présent de l'indicatif* para *ne pensait pas* no *imparfait*), é importante para a relação de presente no momento do relato e memória passada para a exemplificação daquilo que servirá como argumentação no agora. Além disso, essa visão no presente reflete o momento ao qual pertence Christine, sendo um local com muitas tradições que ainda vigoram, porém, a narração sobre o que o seu pai acreditava não é somente um tempo verbal empregado para, gramaticalmente, servir à escrita, mas também pelo fato de o *imparfait* contribuir com a ideia de ação não terminada e com duração longa. Sendo assim, o pensamento do pai não pode ser esquecido, já que não está determinada sua finitude. Ao longo da história é bastante evidente essa estrutura, como um ritmo a ser gravado pelos leitores: presente e fato contado, e moral narrada no *imparfait*, portanto, fazendo com que, previamente, eles já saibam como ler a história, o que auxilia o entendimento.

A curiosidade desse diálogo é como a escritora desenha uma situação em que coloca o homem culto (*et en particulier ceux parmi eux qui sont les plus instruits/ grand astronome et philosophe*) como conselheiro para o bom caminho das Letras e dos estudos como um todo, comprovando que ela não possuía a radical visão do homem como um ser que somente reprimia o saber feminino e sua contribuição para a sociedade. Exemplo disso é o término do diálogo mostrando uma comparação, uma prova do que ela disse, referindo-se ao próprio pai de Christine. É interessante destacar que, ao elaborar particularmente essa parte da obra, Christine de Pizan mostra que inclusive algumas mulheres eram detentoras dessa visão frágil – aquela capaz de tolher o crescimento inteligível – acerca da própria mentalidade de uma mulher (e não feminina). Assim, as

<sup>15</sup> É fato que todos os homens, em particular aqueles entre os que são os mais instruídos, não compartilham da mesma opinião de que a educação das mulheres seja um mal. É verdade que muitos, dentre os menos instruídos, acusam-nas, pois têm medo de que elas sejam mais sábias que eles. Seu pai, grande astrônomo e filósofo, não pensaria que as ciências pudessem corromper as mulheres; ele se alegrava, ao contrário [...] São os preconceitos femininos de sua mãe que a impediram, na sua juventude, de aprofundar e compreender seus conhecimentos [...]

Então, eu, Christine, respondi: “Minha Dama, isso que dissei é tão verdadeiro quanto o Evangelho”. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

imagens são construídas pelas histórias passadas que trazem diversos outros discursos que são essenciais para a construção tanto de Christine quanto de sua Cidade.

Além disso, o uso do verbo *se réjouissait* no *imparfait*, por exemplo, sugere-nos a continuidade de uma ação: o pai de Christine era um homem que, recorrentemente, estimulava o conhecimento de sua filha e, portanto, não admitiria que isso parasse de ser feito. Uma maneira de convencer a personagem de que sua condição como mulher não era de submissão. Assemelha-se isso, pois, ao fato de Christine ter terminado a conversa concordando com a Dama e usando *moi, Christine, je*. Em um primeiro momento, o leitor pode acreditar que isso seja somente uma estrutura típica da língua francesa no uso recorrente do pronome funcionando como realce, às vezes até mesmo causando certa redundância, enfatizando quem fala. Entretanto, essa ideia não poderia ser mais acertada ao deixar claro que houve o entendimento das palavras da Dama quando Christine passa a se colocar como presente na narrativa, com mais destaque e, para isso, usando pronomes que remetam a ela mesma.

Antes, porém, que Christine tome consciência de sua importância, a *Dame Raison* continua insistindo que ela abra os olhos e a acompanhe para que chegue à Cidade:

Lève-toi, mon enfant! Sans plus attendre, partons au Champ des Lettres; c'est en ce pays riche et fertile que sera fondée la Cité des Dames, là où la terre abonde en toutes bonnes choses. Prends la pioche de ton intelligence et creuse bien. Partout où tu verras les traces de ma règle, fais un fossé profond. Quand à moi, je t'aiderai en portant les hottes de terre sur mes propres épaules. (PIZAN, 2000, p. 48)<sup>16</sup>

*Lève-toi*. Expressão no *impératif* que mostra uma exigência da Dama: levante. Aqui há a construção da imagem de um campo de onde os recipientes de terra serão tirados para cavar uma profundidade que seja suficiente para implantar o alicerce da Cidade. Não obstante, a Dama utiliza-se da metáfora para, mais uma vez, criar a imagem aos olhos do leitor do que seriam as correspondências de *Champ des Lettres* (Campo das Letras), local onde Christine encontrará o saber, o esclarecimento de tudo o que ela está vivendo para, então, entender por que será preciso construir a Cidade; *la pioche de ton intelligence* (pá da inteligência), representada pelas perguntas que a personagem fará às Damas, compreendendo o que elas falam e “cavando” cada vez mais fundo para aclarar os textos aos quais ela tem acesso e que não construíam uma imagem correta da

<sup>16</sup> Levante-se, minha criança! Chega de esperar, partamos ao Campo das Letras; é neste país rico e fértil que será fundada a Cidade das Damas, onde a terra é abundante em todas as boas coisas. Pegue a picareta de sua inteligência e escave bem. Por todos os lugares onde você vir as marcas de minha régua, faça uma vala profunda. Quanto a mim, eu a ajudarei carregando nos meus próprios ombros a terra retirada. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

mulher; e *terre* (terra) representante da imensa quantidade de dúvidas que a protagonista tem, sendo cada vez mais removida conforme os questionamentos forem ficando menores. Além disso, a *Dame Raison* se prontifica a acompanhá-la e a trabalhar junto dela quando menciona que a ajudará carregando, nos próprios ombros, a quantidade de terra escavada por Christine. Sendo assim, esta não se vê desamparada, pois sua guia estará à frente auxiliando em todos os processos dessa construção.

## CONCLUSÃO

É preciso notar, dessa forma, o espaço formado a partir desse diálogo: vemos que ele é um desdobramento de onde Christine se encontra, ou seja, dentro do quarto, mas que, em sua mente, será muito maior para que ela percorra espaços que não foram ainda explorados, seja pelo medo de transgredir tradições, seja pelo bloqueio e falta de conhecimento sobre outras histórias.

De outro lado, as digressões feitas a todo momento são as histórias a que as Damas se referem ao longo da obra, as quais montam pequenos blocos de significados que formam um todo maior – a Cidade das Damas –, isto é, não há uma sequência direta de fatos, somente quatro damas (as celestiais e Christine) dialogando sobre memórias. É preciso ressaltar, ademais, que essas histórias existem para demonstrar não só a importância do esclarecimento de Christine quanto ao lugar dela no contexto em que está, mas também a relevância de outras damas, tanto para serem ouvidas e revividas, como também denotando a participação delas no fortalecimento do novo reino idealizado. O livro como um todo é a representação de uma grande alegoria onde outras menores – se assim podemos chamar – se apresentam. Iniciamos a análise retratando esse recurso, pois, sem ele, não é possível a elaboração da Cidade, visto que ela nasce não de objetos concretos, como mármore e pedras, mas sim do discurso e argumentação sobre as histórias de várias damas, sendo a personagem Christine a responsável por apresentá-las ao leitor e dar voz às Damas Celestiais. Ou seja, a narrativa de Pizan dá abertura à narrativa destas, a qual é construída por meio das histórias contadas sobre as mulheres. Nas palavras de Genette (1976, p. 27),

História e narração só existem para nós, pois, por intermédio da narrativa. Mas, reciprocamente, a narrativa, o discurso narrativo não pode sê-lo senão enquanto conta uma história, sem o que não seria narrativo [...] e porque é proferido por alguém, sem o que (como, por exemplo, uma coleção de documentos arqueológicos) não seria, em si mesmo, um discurso. Enquanto narrativo, vive da sua relação com a história que conta; enquanto discurso, vive da sua relação com a narração que o profere. (GENETTE, 1976, p. 27)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

Dessa maneira, há uma estreita relação de necessidade mútua, pois as Damas somente existem por Christine poder narrar a história e, novamente, as outras mulheres apenas ganham voz quando *Raison*, *Droiture* e *Justice* contam suas narrativas para Christine, a qual deixará todos os contos marmorizados na Cidade, como um ciclo. A narrativa poética é a volta do mesmo. É o reforço do que já foi dito para mais sonoridade e memorização. A narrativa é isso: ganhar voz para contar aquilo que seja necessário e memorizar, no caso, para a geração de mulheres virtuosas que viverão na *Cité des Dames*. Como menciona Gallimard, in Tadié, 1994, p. 25: *Je ne me mets pas en scène, mais la première personne du singulier exprime pour moi tout le concret de l'homme. Toute métaphysique est à la première personne du singulier. Toute poésie aussi. La seconde personne, c'est encore la première*<sup>17</sup>. Assim, a narradora Christine, em primeira pessoa, tanto fala por ela quanto pelas outras vozes, que também se colocam em primeiro lugar, com grande importância, visto que é função desse narrador conferir tal relevância.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURTIUS, E. R. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Tradução de Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013. 808p.
- ECO, U. O signo da poesia e o signo da prosa. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 232-249.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega. 1976.
- PIZAN, C. *Le Cité des Dames*. Texte traduit et présenté par Thérèse Moreau et Éric Hicks. Paris : Stock/Moyen Âge, 2015. 303p.
- SULEIMAN, S. Le récit exemplaire. In: *Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires*. Seuil: Genres, 1977, p. 468-489.
- VIDET-REIX, D. *Christine de Pizan et la poétique de la justice*. Directrice de thèse: Madame CONNOCHIE-BOURGNE. Doctorat Aix-Marseille Université, 2011.
- TADIÉ, J. Y. *Le récit poétique*. Collection Tel Gallimard: 1994. Paris.

<sup>17</sup> Eu não me coloco em evidência, mas a primeira pessoa do singular exprime por mim todo o concreto do homem. Toda metafísica está na primeira pessoa do singular. Toda poesia também. A segunda pessoa é ainda a primeira. (tradução nossa)



ISSN: 1981-0601  
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 21-12-2020    Aprovado em: 22-01-2021    Publicado em: 31-01-2021  
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5802>

ZUMTHOR, P. *A Letra e a Voz*. Tradução de Amálio Pinheiro (Parte I) e Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Falando de Idade Média*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009. 142p.

ZUMTHOR, P. *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil: Essais, 2000. 619p.